



"Agradeço a Deus todas as oportunidades que me foram dadas desde sempre e por ter tido e mantido tão estimados colegas e amigos até hoje."



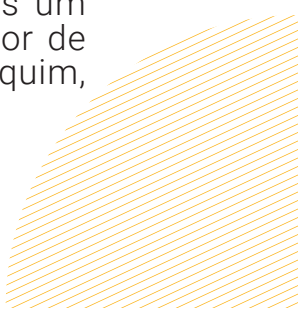
MINHA RELAÇÃO COM O SENADO

MARIA ELISA G. N. STRACQUADANIO

Minha relação com o Senado Federal remonta à época em que minha mãe estava grávida de mim. Não se espantem. Desde bebê vivenciei momentos históricos, decisões de grande importância para o País. Em nossa casa aconteciam reuniões de importantes parlamentares que eram secretariados por ela.

Recordo-me de minha admiração, ainda criança, pelos discursos do senador Moura Andrade. Escutava atentamente quando calhava de estar no Senado ou pedia que minha mãe trouxesse o Diário – *DCN II* – para que pudesse lê-los.

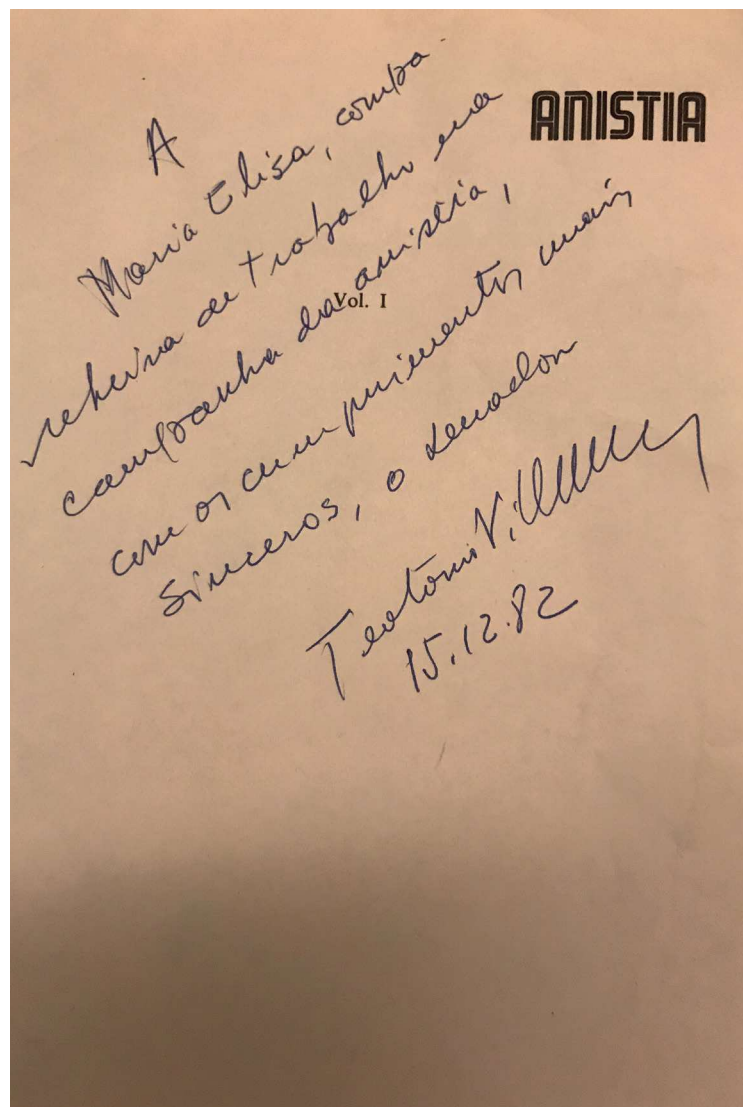
Em 1970, mais precisamente no dia 24 de maio, após um concurso do antigo DASP, fui nomeada para trabalhar no Setor de Radiodifusão, dirigido pelo inesquecível jornalista Murilo Marroquim,



tendo em vista minha facilidade para falar outros idiomas, o que me proporcionou grande experiência com a dinâmica da Casa. Afinal, o jornalismo não tem hora nem dia para descobrir a notícia. Na década de 70, a informática ainda engatinhava e as redes sociais eram coisas de Júlio Verne. A atenção era a mola mestra daquele setor. Durante aquele período tive a oportunidade de conhecer grandes jornalistas que se tornaram amigos e que eram pessoas brilhantes em sua profissão. Devo a eles o desenvolvimento de minha argúcia para descobrir e selecionar o que era importante do que não fazia muita diferença.

Durante toda minha vida no Senado, pouco mudei de setor. Gostava da permanência, já que jamais admiti a mesmice. Procurava sempre coisas novas, dinamizar o trabalho e descobrir maneiras de inovar.

Por volta de 1980, já trabalhando na Secretaria Legislativa como assistente técnico, fui convidada pelo senador Teotonio



Vilela a auxiliá-lo na Comissão da Anistia, traduzindo as correspondências vindas do mundo inteiro. Aceitei de pronto: primeiro por admirar aquele homem incansável, batalhador, dinâmico, de quem me tornei amiga, e, segundo, por ter a oportunidade de praticar meus conhecimentos. Foi uma luta incansável, sem tempo nem hora para mais nada e que mobilizou uma nação inteira.

Àquela época, lembro-me bem, às mulheres não era permitido o uso de calças compridas, então era um verdadeiro desfile de modas. Saltos altos, meias finas. Nada de saias curtas. Sem luxos, mas ninguém queria parecer desleixada.

Havia uma cordialidade palpável entre os funcionários e os senadores; lembro que, quando um senador entrava no gabinete, os funcionários se levantavam em respeito à autoridade.

Não posso deixar de lembrar a época da Constituinte, quando mal tínhamos tempo de ir em casa, tomar um banho, ver a filharada e voltar para o batente. Participar daquele momento histórico capitaneado pelo “Doutor Ulysses” ficou gravado para sempre em mim.

Anos depois fui convidada a chefiar o gabinete da Segunda Secretaria, ocupada pelo senador Divaldo Suruagy, amigo querido de toda minha família, o que fiz com grande alegria e dedicação. Foram dois anos de trabalho intenso, imersa em projetos, discursos, reuniões, enfim, um misto de trabalho legislativo, literário e de assessoria.

Quando da eleição do senador Mauro Benevides para a Presidência do Senado recebi o honroso convite para ocupar o cargo de diretora da Subsecretaria de Expediente.

Foi aí que a emoção tomou proporções gigantescas. Estava ocupando a mesma cadeira ocupada por minha mãe durante 20 anos, indicada que foi pelo Plenário da Casa, como diretora efetiva, como ocorria nos idos de 1960 e poucos.

Não poderia ter recebido missão mais honrosa e importante. E, para tanto, tratei de fazer jus à confiança depositada em mim.

Foram anos de trabalho árduo, dedicação integral ao Senado, exigências, finais de semana dedicados aos autógrafos que deveriam estar prontos para ser encaminhados à Presidência da República, coleta de assinaturas, enfim, além do trabalho intelectual, uma verdadeira maratona, na qual meus colaboradores incansáveis e eu vestimos a camisa com orgulho e determinação, o que gerou, em uma oportunidade, elogios do presidente em Plenário, para alegria de todos nós.

Ao assumir o Expediente, herdei com a maior alegria todos os colegas e amigos que caminharam com minha mãe, tal como uma capitania hereditária.

Ao mesmo tempo, procurei inovar e facilitar o trabalho de todos e, conversando com o presidente, decidimos informatizar toda a Diretoria, adquirindo computadores, àquela época os mais modernos, agilizando e tornando a execução dos autógrafos mais perfeita. Foi um evento memorável. A inauguração dos equipamentos contou com a presença de inúmeros diretores, do presidente Mauro Benevides, dos senadores secretários da Mesa Diretora, de todos os funcionários do Expediente e diversos colegas e amigos companheiros do dia a dia.

O relacionamento entre os colegas era de profunda amizade. Lembro que, ao chegar para o trabalho, nos reuníamos no gabinete do diretor-geral para saber as novidades, nos inteirarmos de alguma orientação, conversar, tomar um cafezinho e partir para a labuta. Havia um código de respeito, de solidariedade, de carinho. Até hoje mantemos esse contato e relembramos fatos hilários ou não, mas que marcaram nossas vidas.



Entre tantos fatos marcantes, lembro-me da votação da Pesca da Baleia, de autoria do senador José Fragelli, das inúmeras sessões noturnas infindáveis e, lá pelas tantas da madrugada, da pizza amiga enviada pelo querido senador Almir Pinto, das sessões conjuntas nas votações de decretos-lei que nem sempre acabavam pacificamente, dos intermináveis discursos que começavam lá pelas 18 horas em plena sexta-feira, deixando a todos inquietos, dos sanduíches de presunto e queijo distribuídos à noite acompanhados de suco de caju, quando tínhamos serviço a fazer até alta madrugada. Como esquecer uma vida inteira passada mais tempo trabalhando do que com a família? E como não lembrar das deliciosas “castanhas” ao final de cada ano? Quem é da época sabe do que estou falando.

E a oportunidade de cumprimentar a presidente da Nicarágua, quando de sua visita ao Brasil? E a rainha da Inglaterra descansando no sofá de veludo verde?

E quem se lembra do primeiro crachá, gigantesco, ao qual dei o apelido carinhoso de placa de ônibus, impossível de ser pendurado no pescoço ou na roupa, devido ao peso?

A superstição quanto à limpeza do Salão Negro? “Não lava que morre um parlamentar...”

Momentos alegres, algumas recordações tristes de colegas que nos deixaram um vazio, amigos que nos estendiam a mão, poucas puxadas de tapetes, mas experiências que me fizeram crescer.

Agradeço a Deus todas as oportunidades que me foram dadas desde sempre e por ter tido e mantido tão estimados colegas e amigos até hoje.

É uma vida tatuada no coração. Recordações que jamais serão esquecidas. E por serem tantas, pouco é o espaço.



Maria Elisa Stracquadanio com o presidente do Congresso, senador Mauro Benevides, ao ser inaugurado o Serviço de Informatização da Secretaria de Expediente.

